

A religiosidade e o modelo do panóptico de Michel Foucault: arquétipo contemporâneo

Religiosity and Michel Foucault's Panopticon model:
contemporary archetype

Simone Aparecida de Sousa Capperucci¹

Alessandro Moreira Dias²

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de analisar, como a religiosidade pode atuar como aparelho ideológico, através de discursos que tolham a liberdade do indivíduo, moldando as identidades. Para tanto serão apresentados conceitos de religiosidade e como essa interfere na subjetividade dos indivíduos. A seguir apresentaremos o modelo do panóptico de Michel Foucault e a relação desse modelo com a religiosidade, no modelo contemporâneo. Finalizando as discussões, será analisado o foco principal desse trabalho que é como a religiosidade molda a subjetividade de vários indivíduos na hodiernidade. A metodologia adotada no artigo será uma revisão de literatura na qual o presente trabalho se apropria dos estudos de Gonzalez Rey, no que se refere à subjetividade, Leontiev no que concerne a religiosidade e Michel Foucault, importante estudioso da contemporaneidade que analisa a subjetividade do homem contemporâneo, com todas as suas potencialidades e limitações.

Palavras-chave: Religiosidade; Panóptico; Foucault.

Artigo recebido em: 19 de abr. de 2020

Aprovado em: 19 de jan. 2023

¹ Mestre em Educação e Linguagem pelo UNEC Centro Universitário de Caratinga, MG.

² Mestrando vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, ES.

Abstract: This article aims to analyze how religiosity can act as an ideological device, through discourses that tolerate the freedom of the individual, shaping identities. For that, concepts of religiosity will be presented and how it interferes in the subjectivity of individuals. Next, we will present Michel Foucault's panopticon model and the relationship of this model with religiosity in the contemporary model. Concluding the discussions, the main focus of this work will be analyzed, which is how religiosity shapes the subjectivity of several individuals in modern times. The methodology adopted in the article will be a literature review in which the present work appropriates the studies of Gonzalez Rey, with regard to subjectivity, Leontiev with regard to religiosity and Michel Foucault, an important contemporary scholar who analyzes the subjectivity of man contemporary, with all its potentialities and limitations.

Keywords: Religiosity; Panopticon; Foucault.

Introdução

Por mais que a liberdade seja a grande busca do ser humano, o mesmo encontra-se cada vez mais aprisionado por buscas e escolhas feitas sobre a pressão de um cotidiano que o faz acreditar encontrar sua felicidade em coisas e situações passageiras.

Essas buscas e escolhas geram angústias e insatisfações que fazem o indivíduo procurar uma cura através de medicamentos ou experiências espirituais e religiosas, sendo muitas vezes alienado através de crenças e igrejas, que através de discursos transcendentais, estimulam a fé e a crença do encontro dessa felicidade, se não nesse plano da vida, em outros.

Observados esses propósitos percebe-se que, através desse oferecimento da felicidade, a religiosidade, como parte das crenças, consegue moldar, ou procurar adequar às condutas dos indivíduos dentro de propósitos sociais, políticos e/ou econômicos, o que possibilita a definição de serem as religiões um dos aparelhos ideológicos do Estado, segundo Bordieu.³

Também nessa perspectiva trabalharemos a idéia de panóptico de Foucault, que apresenta a necessidade de serem os indivíduos vigiados permanentemente, afim de que os sistemas sociais permaneçam de acordo com os objetivos de quem se encontra no poder, sendo escolas, igrejas e prisões parte desses sistemas reguladores.⁴

³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

⁴ FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

O artigo foi estruturado em três partes, sendo que na primeira serão apresentados aspectos conceituais de religiosidade e subjetividade, relacionando como a religiosidade interfere na constituição da subjetividade dos indivíduos.

Na segunda parte será apresentado o modelo do panóptico de Michel Foucault com uma breve apresentação do autor e como ele mostra o modelo arquitetônico do panóptico como princípio de vigília e regulação do Estado; seja através de aparelhos repressores ou ideológicos.

Por fim, na última parte a religiosidade será analisada na perspectiva de sistema ideológico dentro da contemporaneidade que apresenta tanta volatilidade e angústias no indivíduo.

Sendo um trabalho de revisão bibliográfica os autores Gonzalez Rey, Althusser, Leontiev e Michel Foucault, entre outros, serão o suporte teórico.

1 - Religiosidade e subjetividade

Antes de iniciarmos a discussão sobre as questões concernentes a religião e religiosidade, o trabalho se propõe a trabalhar a questão da subjetividade para assim enquadrarmos as questões referidas como parte da construção da identidade dos seres humanos.

Gonzalez Rey define subjetividade como "um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação" (p. 19). Ainda demonstra com o indivíduo encontra-se em intrínseca relação com o meio no qual se encontra inserido:⁵

A subjetividade representa um macroconceito orientado à compreensão da psique como sistema complexo, que de forma simultânea se apresenta como processo e como organização. O macroconceito representa realidades que aparecem de múltiplas formas, que em suas próprias dinâmicas modificam sua autorganização, o que conduz de forma permanente a uma tensão entre os processos gerados pelo sistema e suas formas de autorganização, as quais estão comprometidas de forma permanente com todos os processos do sistema. A subjetividade coloca a definição da psique num nível histórico-cultural, no qual as funções psíquicas são entendidas como processos

⁵ GONZALEZ REY, F. (1995). *Comunicación, personalidad y desarrollo*. Havana: Pueblo y educación. 2001. p. 19.

permanentes de significação e sentidos. O tema da subjetividade nos conduz a colocar o indivíduo e a sociedade numa relação indivisível, em que ambos aparecem como momentos da subjetividade social e da subjetividade individual.⁶

Observando Rey percebe-se a subjetividade demonstra as relações sociais do indivíduo, perpassando setores econômicos, sociais e religiosos

Leontiev completa Rey ao dizer que a subjetividade refere-se ao processo pelo qual algo se torna constitutivo e pertencente no indivíduo; tornando-se parte dele, numa simbiose. Para ambos os conceitos percebe-se que o indivíduo torna-se através das relações que estabelece com sua família e a sociedade.⁷

Nesse sentido é importante retomar as idéias de religião e religiosidade.

A religião é uma expressão da espiritualidade, e espiritualidade é um sentimento pessoal, que estimula um interesse pelos outros e por si, um sentido de significado da vida capaz de fazer suportar sentimentos debilitantes de culpa, raiva e ansiedade. Religiosidade e espiritualidade estão relacionadas, mas não são sinônimos. Religiosidade envolve um sistema de culto e doutrina que é compartilhado por um grupo, e, portanto, tem características comportamentais, sociais, doutrinárias e valorais específicas, representando uma dimensão social e cultural da experiência humana⁸.

Portanto, dentro da proposta da subjetividade, percebe-se que a religião é mais individual, enquanto a religiosidade é parte de um coletivo, mas ambas constituidoras da subjetividade do indivíduo,

⁶ GONZALEZ REY, 2001, p.1.

⁷ LEONTIEV, A. N. "A imagem do mundo". In: GOLDBERGER, M. (org.) *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo*. São Paulo, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Pedagógica/Xamã, 2004.

⁸ CAMPOS, Claudinei, José Gomes; MURAKAMI, Rose. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista brasileira de enfermagem*. Brasília v. 65, p.361-367, 2012, mar-abr; v. 65, 2012, p. 362. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a24.pdf>>. Acesso em 10 out.2019.

uma vez que o mesmo é fortemente influenciado pelos grupos que o compõem.

Clemente ainda afirma que no cenário contemporâneo, temos a fé irracional, que é aquela, na qual a fé e a crença em Deus são confundidas com doutrinas religiosas fundamentalistas que se resvalam para a irracionalidade.

Essa fé irracional faz com que o indivíduo siga uma religião, muitas vezes por desespero, fragilidade, o que é uma característica marcante de uma época que apresenta um indivíduo dividido entre a racionalidade, o consumo e a incerteza devido a fragilidade das relações, o consumismo exagerado, entre outros fatores.

Smith e McCullough discutem que na religiosidade, os problemas devem ser resolvidos, através de práticas espirituais, transferindo assim, para Deus a responsabilidade para a resolução dos problemas, afastando a busca por ajuda na saúde, pois há convicção do cuidado vindo através da providência divina⁹.

Essa esperança na resolução dos problemas por forças divinas faz o indivíduo abrir mão de sua individualidade e passar a ser dirigido por uma instituição que assume a direção de sua vida, muitas vezes de forma manipuladora.

Feitas as considerações sobre subjetividade e religiosidade, mostrando a religiosidade como constituidora de subjetividades, o trabalho iniciará a discussão sobre Foucault e o panóptico.

2 - Michel Foucault e o modelo do panóptico

Nascido numa família tradicional que esperava sua opção profissional pela medicina tornou-se professor e começou um estudo sócio-filosófico de microestruturas sociais, nas quais as relações de poder são pilares para a manutenção das macroestruturas.

Foucault discute dentro desses contextos a microfísica do poder, ou seja, o poder dentro de determinadas instituições sociais, tidas como depositárias de indivíduos que, por algum motivo não se enquadram no padrão tido como “normal” dentro da sociedade.

Atém-se às prisões e hospícios, mas entrelaça as discussões com as instituições escolares, uma vez que existem inúmeras semelhanças entre as escolas, os hospícios e as prisões, dentro das relações de poder.

Foucault tem seus estudos classificados em três fases: a primeira conhecida como arqueológica, voltada para a constituição

⁹ SMITH, T. B. et al. Religiousness and Depression: evidence for a Main effect and the moderating influence of stressful life events. *Psychological Bulletin*, Washington, v.129, n^o 04, 2003. p. 614-636

dos saberes; uma segunda fase, denominada, genealógica, na qual são tratadas questões relativas ao poder e a terceira fase relativa à constituição do sujeito.

Observados os aspectos desse trabalho, percebe-se que estaremos tratando de Foucault em sua segunda e terceira fases, uma vez que serão entrelaçados o poder e a subjetividade. Conforme afirma Foucault:

O humanismo moderno se engana, portanto, ao estabelecer essa divisão entre saber e poder. Eles são integrados, e não se trata de sonhar com o momento em que o saber não dependeria mais do poder, o que é uma maneira de reconduzir sob forma utópica o mesmo humanismo. Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder.¹⁰

Tendo a ideia desse entrelaçamento entre saber e poder, importante analisar a necessidade de controle do saber por quem está no poder para manutenção das relações e aí, Foucault apresenta o modelo do panóptico como uma grande construção retangular, com um grande pátio no meio e, no meio desse pátio uma guarida de vigilância. As celas com as portas voltadas para o pátio e um muro cercando toda a construção.

Além da vigília o panóptico objetiva a disciplina dos indivíduos que precisam aprender a seguir regras de forma uniforme, inclusive usando uniformes, podendo representar diversos aspectos da sociedade, conforme orienta Foucault:

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras” criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos, reais, pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas idéias, pois se projetam sobre essa organização, caracterizações, estimativas, hierarquias. A primeira das grandes operações da

¹⁰ FOUCAULT, M. *Estratégia poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.p.172.

disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas.¹¹

Assim Foucault apresenta modelos sociais como prisões, hospícios, escolas e por que não igrejas dentro do modelo de vigilância do panóptico, com intenções de vigiar e punir dentro da sociedade.

Atrela ainda esses modelos sociais aos aparelhos repressores e ideológicos do Estado, sendo a ideologia, muitas vezes mais produtiva que a repressão, pois atua pelo convencimento do indivíduo de que tudo é feito pelo seu bem-estar e felicidade.

Um Aparelho Ideológico de Estado é um sistema de instituições, organizações e práticas correspondentes, definidas. Nas instituições, organizações e práticas desse sistema é realizada toda a Ideologia de Estado ou uma parte dessa ideologia (em geral, uma combinação típica de certos elementos). A ideologia realizada em um AIE garante sua unidade de sistema “ancorada” em funções materiais, próprias de cada AIE, que não são redutíveis a essa ideologia, mas lhe servem de “suporte”.¹²

Quando observados diversos discursos de líderes religiosos percebe-se que, através das palavras escolhidas, entonações e enlourquência apóiam-se em textos bíblicos para convencer os indivíduos a adquirirem hábitos e praticarem ações, de acordo com modelos e intenções, nem sempre explícitos, mas de forma sublinhar; alterando a participação dos indivíduos nos meios em que estão inseridos e sua subjetividade.

Essas ações e seus efeitos demonstram o poder que essas instituições exercem na coerção e ação da manutenção de ordens sociais, sem que os indivíduos percebam abertamente esse poder moldador e coercivo.

De fato, o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais finos, é muito mais ambíguo, porque cada um é, no fundo, titular de um certo poder e, em certa medida, veicula o

¹¹ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p.126-127.

¹² AUTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. Trad. de Wálter José Evangelista e Maria Lúcia Viveiros de Castro. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p.194

poder. O poder não tem como única função reproduzir as relações de produção. As redes de dominação e os circuitos da exploração interferem, se recobrem e se apóiam, mas não coincidem.¹³

Não queremos afirmar aqui que religião e religiosidade sejam sinônimos, fato serem conceitos distintos, mas não se pode desconsiderar que a religião atua diretamente na religiosidade de seus frequentadores, sendo, inclusive esses, chamados de fiéis.

No presente trabalho, sempre que for usado o termo religião, ou serem apresentados atos religiosos, é na perspectiva da construção da religiosidade, por meio da religião.

3 - A religiosidade como aparelho ideológico

Apresentados os conceitos de religiosidade e como atuam os aparelhos ideológicos, o trabalho se propõe a relacionar religiosidade como parte da subjetividade dos indivíduos e assim, podendo ser manipulada através de aparelhos ideológicos.

Para tanto, Clemente nos mostra que um dos desafios da modernidade é relacionar fé com razão, definindo que a junção das duas é essencial para a constituição da ética.

Diante das indagações modernas, perguntamos se é possível viver sem fé. A discussão entre fé e razão, estabelecida na gênese da modernidade, teria sido ineficaz e inútil? Seria a fé, realmente, contrária ao pensamento racional? Acreditamos que a ética pressupõe uma junção entre fé e razão. Uma deve estimular a outra para que o ser humano encontre o gosto e o prazer de viver. A desvinculação entre fé e razão gera profundo ceticismo e uma confusão e um desespero da humanidade¹⁴.

Observando Clemente percebe-se que a fé relaciona-se diretamente a religiosidade, mas o que se percebe que algumas religiões trabalham o psicológico do indivíduo de forma que esse perca a razão e viva confinado aos discursos preconizados nessas instituições.

¹³ FOUCAULT, M. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.p.183-184

¹⁴ CLEMENTE, J.N.S. O dinamismo da Ética pela Ótica da sociologia e do seguimento de Jesus. *Ciências da Religião*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, 2006.p.2-3.

Um dos focos de vários desses discursos é exatamente o de que fé e razão são inconciliáveis, devendo o indivíduo para provar que tem fé, deixar a razão.

Essa base discursiva demonstra que a religião nem sempre procura trabalhar a religiosidade do indivíduo, mas alienar, de forma que esses possam servir aos objetivos da alienação e dominação, conforme corrobora Foucault:

Em primeiro lugar dizer que a disciplina fabrica corpus dócil não significa dizer que ela fabrica corpus obediente. Falar em corpos dóceis é falar em corpos maleáveis e moldáveis: mas não se trata ai de uma modelagem imposta, feita a força. Ao contrário, o que é notável no poder disciplinar é ele “atua” ao nível dos corpos e dos saberes, do que resultam formas particulares tanto de estar no mundo no eixo corporal, quanto de cada um conhecer o mundo e nele se situar no eixo dos saberes. Daí advém duas conseqüências muito importantes e que dão tanto no eixo corporal quanto no eixo dos saberes. A primeira conseqüência pensando também disciplinarmente, cada um vê a disciplinaridade do e sobre o próprio corpo não apenas como algo necessário, mas como uma necessidade necessariamente natural. A segunda conseqüência: a disciplina funciona como uma matriz de fundo que permite a inteligibilidade, a comunicação e a convivência total na sociedade, mesmo que não sejamos todos igualmente disciplinados, todos compreendemos ou devemos compreender o que é ser ou como se deve ser disciplinado.¹⁵

Essas considerações de Neto no que concerne a corpos dóceis como corpos maleáveis e moldáveis, reforça o poder dos discursos ideológicos sobre a constituição da subjetividade dos indivíduos.

Esse discurso deixa claro que àqueles que não se sujeitam à disciplina, ao modelo que é imposto são considerados rebeldes ou revoltados, sendo disformes e indignos.

Quando observadas as relações religiosas vemos que aqueles que não se moldam às religiões tradicionais são vistos de forma marginal pela sociedade, mesmo tendo a suas religiosidades resolvidas. De acordo com Machado:

¹⁵ NETO, Alfredo Veiga. *Foucault e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.p.85

O universo das significações é constituído por entidades e relações entre elas. As entidades (significações) caracterizam-se como feixes de relações; de modo dual, as relações são sempre relações entre identidades. As relações são proposições que podem referir-se apenas a uma entidade ou a uma classe de entidades equivalentes em algum sentido – são as propriedades, ou podem estabelecer ligações entre duas ou mais entidades distintas, denominando-se relações binárias, ternárias, etc.¹⁶

Essa relação dos indivíduos com as instituições religiosas demonstra o papel de vigília que as igrejas exercem na constituição das subjetividades.

Embora se discursse a laicidade do Estado, as relações de poder entre Estado e essa instituição continuam fortes, uma defendendo e dando suporte a outra, colaborando mutuamente para a manutenção das ordens e hierarquias do poder.

Halebsky ao apresentar algumas questões envolvendo a sociedade, mostra como o indivíduo se envolve em determinadas relações, inclusive religiosas de forma a ser controlado por essas, tornando-se dependentes das mesmas.

Os membros da sociedade envolvem-se em estruturas e relações institucionais de âmbito nacional, nas esferas econômica, política, cultural e até mesmo social e religiosa da vida pública e privada. Esse processo de integração vertical, com seu declínio de autonomia e controle regional e local, significou a centralização da autoridade e poder. O indivíduo tornou-se cada vez mais envolvido, dependente e controlado por essas estruturas nacionais. Elas se caracterizam não só pelo caráter impessoal e formal, mas também pela concentração do poder e da decisão além do controle da grande massa de participantes

¹⁶ MACHADO, Nilson José. Anotações para a elaboração de uma idéia de cidadania. Disponível em: <www.iea.usp.br/iea/textos/machadoideiadecidadania.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2020.p.88

individuais, e até mesmo além do alcance da observação pelo indivíduo.¹⁷

Esse envolvimento dentro da instituição religiosa promove a alienação e aos poucos o indivíduo vai sendo assediado dentro da sua individualidade, em seu poder de escolha, de forma a sentir-se incapaz de tomar qualquer decisão sem a aprovação da instituição ou dos líderes da mesma.

Quando as situações não trazem a felicidade tão procurada, o poder alienante já se encontra tão arraigado que o indivíduo é levado a acreditar que até o sofrimento é para seu bem, é efêmero diante da felicidade duradoura que em breve chegará para ele em forma de bênçãos, inclusive no setor econômico de sua vida.

Se a demora passa a incomodar o indivíduo, a instituição passa a discursar que o indivíduo é indigno, não está seguindo disciplinarmente os ensinamentos, não está tendo fé suficiente, por isso está sendo punido, castigado.

Segundo Bourdieu:

falar de estratégias de reprodução não é atribuir ao cálculo racional, ou mesmo à intenção estratégica, as práticas através das quais se afirma a tendência dos dominantes, dentro de si mesmos, de perseverar. / lembrar somente que o número de práticas fenomenalmente muito diferentes organizam-se objetivamente, sem ter sido explicitamente concebidas e postas com relação a este fim, de tal modo que essas práticas contribuem para a reprodução do capital possuído. Isto porque essas ações têm por princípio o *habitus*, que tende a reproduzir as condições de sua própria produção, gerando, nos domínios mais diferentes da prática, as estratégias objetivamente coerentes e as características sistemáticas de um modo de reprodução.¹⁸

O poder de fazer o indivíduo a adquirir o hábito de reproduzir comprova como alguns indivíduos seguem as suas religiões, considerando serem essas as responsáveis por sua religiosidade, mesmo não sendo essa uma verdade. Para Chauí:

¹⁷ HALEBSKY, Sandor. *Sociedade de massa e conflito político*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.p.58

¹⁸BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.p.386-387

O real não é um dado sensível nem um dado intelectual, mas é um processo, um movimento temporal de constituição do ser e de sua significação, e esse processo depende fundamentalmente do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza. Essas relações entre os homens e deles com a natureza constituem as relações sociais como algo produzido pelos próprios homens, ainda que estes não tenham consciência de serem seus únicos autores. (...) Essas idéias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real como suas formas sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia. Por seu intermédio os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação fazendo com que pareçam verdadeiras e justas.¹⁹

Através desse conceito de ideologia, apresentado por Chauí, percebe-se que as relações dos indivíduos com a sociedade traduz a subjetividade dos mesmos, sendo essas relações, ao mesmo tempo, legitimadas pelos próprios indivíduos.

Assim são os próprios indivíduos que dão a outros o poder de dominar e aceitam serem dominados pelas instituições ao sentirem-se representados por essas. Conforme, afirma Foucault:

Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a sociedade mundial, produz a cada instante. Produz-se verdade. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade têm, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam. São essas relações verdade/poder, saber/poder que me preocupam. Então, essa camada de objetos, ou melhor, essa camada de relação, é difícil de apreender; e como não há teorias gerais para apreendê-las, eu sou, se

¹⁹ CHAUI, M. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.p.20-21

quiserem, um empirista cego, quer dizer, estou na pior das situações.²⁰

Assim o poder de um discurso ideológico consiste exatamente em fazer os indivíduos aceitarem e seguirem falácias como se fossem verdades por terem sido essas proposições histórica e culturalmente transmitidas com tamanha veemência que se transformaram em verdades, mesmo não sendo, pois a religiosidade pertence ao indivíduo. Conforme diz Foucault, são verdades produzidas para atender as relações de poder.

Essa retirada do indivíduo de uma força que lhe é própria foi essencial para que a religião se tornasse como aparelho ideológico, uma instituição de poder e dominação, verdadeiro panóptico foucaultiano.

Na contemporaneidade, mesmo com todas as descobertas científicas, o indivíduo ainda precisa de um amuleto, uma muleta, ou outro socorro para suas crises existenciais, suas angústias e anseios.

Muitas vezes esse apoio vem através de uma igreja que define um papel para esse indivíduo dentro da instituição, onde sentar, como vestir e também o papel desse indivíduo dentro da sociedade que passa a ter uma liberdade assistida, sendo vigiado em todas as suas ações. Aquilo que a igreja não consegue ver, precisa ser confessado pelo indivíduo, numa forma de provar aceitação completa ao controle e regras que lhe foram impingidos.

Assim a religiosidade funciona tão bem como probabilidade manipuladora por parecer oferecer o que o indivíduo precisa.

Esse arquétipo ideológico vem sendo utilizado por diversos setores da sociedade, inclusive políticos que perceberam o poder manipulador das igrejas e através de seus representantes, orientam os fiéis a votarem ou manifestarem-se de acordo com interesses que na verdade objetivam a manutenção de estruturas de poder.

Perceber a igreja como um panóptico, no qual os lugares são pré determinados, uniformes utilizados e uma submissão às ordens estabelecidas, numa exigência de submissão irracional, conseguida através de discursos para fabricação de indivíduos manipuláveis, demonstra a fragilidade humana, em suas relações e como as instituições atuam com a intenção de vigiar e punir, numa vigília constante.

Com isso relacionar historicamente as concepções de poder, uma vez ter esse sua gênese na origem do homem, auxilia-nos a descobrir nossa ontologia presente, trazer à discussão algo considerado verdade absoluta sendo esse o primeiro passo para a

²⁰ FOUCAULT, M., 2006, p.229.

desmistificação; o silêncio, ao contrário, sacraliza a relação entre dominantes e dominados.

Considerações finais

Na contemporaneidade a busca por realizações pessoais e felicidade completa faz com que o indivíduo busque ofertas de plenitude, sem perceber que qualquer oferta que apareça é enganosa, pois a vida é feita de momentos, sendo alguns fáceis e outros não.

Aproveitando-se dessa fragilidade humana, algumas religiões manipulam seus fiéis, controlam suas ações e atos utilizando-se de discursos que prometem felicidade completa, se não aqui, em outro plano espiritual.

Com isso percebe-se o poder da igreja de vigiar, manipular e até punir indivíduos, atuando como aparelho ideológico.

Assim o modelo do panóptico de Foucault continua sendo reproduzido nas relações sociais contemporâneas, sendo a religiosidade usada por várias igrejas na manipulação e alienação, através de ideologias, de seus fiéis.

Analisar a questão da religiosidade na construção da subjetividade do indivíduo possibilita ao mesmo vivenciar suas crenças e até mesmo seguir uma religião sem ser manipulado por ela, conciliando fé e razão numa crença ética e saudável.

Referências

AUTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CAMPOS, Claudinei, José Gomes; MURAKAMI, Rose. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista brasileira de enfermagem*. Brasília v. 65, p.361-367, 2012, mar-abr; v. 65, 2012, . Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v65n2/v65n2a24.pdf>>. Acesso em 10 abr.2020.

CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CLEMENTE, J.N.S. O dinamismo da Ética pela Ótica da sociologia e do seguimento de Jesus. *Ciências da Religião*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, 2006.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir:nascimento da prisão*. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *Microfísica do poder*. 18. ed. Rio de Janeiro:Graal, 2003.

_____. *Estratégia poder-saber*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2006.

GONZALEZ REY, F. (1995). *Comunicación, personalidad y desarrollo*. Havana: Pueblo y educación. 2001.

LEONTIEV, A. N. "A imagem do mundo". In: GOLDER, M. (org.) *Leontiev e a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo*. São Paulo, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Pedagógica/Xamã, 2004.

MACHADO, Nilson José. Anotações para a elaboração de uma idéia de cidadania. Disponível em: <www.iea.usp.br/iea/textos/machadoideiadecidadania.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2020.

NETO, Alfredo Veiga. *Foucault e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SMITH, T. B. et al. Religiousness and Depression: evidence for a Main effect and the moderating influence of stressful life events. *Psychological Bulletin*, Washington, v.129, n° 04, p. 614-636, 2003.